Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

LARA

ROMANCE DE LORD BYRON.

Vende-se na Loja de papel e de livros de Narcizo José de Souza Lameira rua do ouvidor n.° 35, assim como todas as mais obras publicadas por esta Sociedade.

LARA,

ROMANCE

DE LORD BYRON.

VERTIDO, E OFFERECIDO

A'

SOCIEDADE LITTERARIA DO RIO DE JANEIRO

PELO SOCIO DA MESMA,

T. A. Craveiro:

e por esta mandado imprimir.

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA AUSTRAL.
BECO DE BRAGANÇA. N. 15.
1837.

(*Extracto da Sessão da Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro no 1.° de Agosto de 1837.*).

Determina a SOCIEDADE LITTERARIA do Rio de Janeiro que se imprima á sua custa, como propriedade sua, o Poema LARA, de Lord Byron, cuja traducção lhe foi offerecida pelo Socio o Sr. Tiburcio Antonio Craveiro.

Dr. Luiz Antonio da Costa Barradas.
1.° Secretario.

DEDICATORIA.

PELO TRADUCTOR.

Est honor et tumulis.

Ovid. Fast. Lib: II.

Aos tumulos tambem se fazem honras.

Na lingua de Camoens, se não tam bella,
Tam sonorosa, ao menos que o rasteja,
Acolhe, acceita inspiraçoens suaves
Do bardo Inglez: são tuas estas vozes,
Tu me déste o sentir do nobre vate,
O suspirar, o arder das labaredas
De Lara infortunoso--eu t'o consagro.
Mas inda podes escutar meu canto?
Morreste, a campa fria te sumio
A meus olhos de ti sempre chorosos.
Sonhos de amor, delirios acabaram:
Venho depôr ao pé do teu jazigo
Pura offerta de lagrimas banhada:
Entre myrtos, e rozas, e cyprestes,
Que o enfeitam, lá fica; atteste ao menos
Illesa a fé jurada tantas vezes.
E tu!--oh não, não sintas um remorso
Siquer na eternidade. Adeus, oh Bella,

Como inda em meus delirios te chamava,
Vivo para chorar-te: a dor, que sinto,
Não a conheces tu -- nem a conheças
Nunca, nunca. Perdi-te—não convinha--
Talvez que te illudissem invejosos—
Morreste em fim, adeus: inda te adoro.

VIDA DE LORD BYRON.

RECOPILADA DA DE JOHN GALT, ESQ.

Pelo traductor.

A familia de Byron acompanhou Guilherme o Conquistador, e foi d'esde então illustre com o nome de Buron, ou Byron. Em outubro 24, 1643 Sir John Byron foi nomeado Lord Byron de Rochdale no Condado de Lancaster com transmissão do titulo a seus irmãos, e á sua descendencia varonil.

Noel Gordon Byron (o illustre poeta, de quem tratamos) nasceu em janeiro 22, 1788 em Holles Street em Londres. De quatro annos entrou para a escola, e em 1798 succedeu no titulo da familia pela morte de Guilherme, seu tio, e quinto Lord. Passou com sua mãe algum tempo em Newstead Abbey, solar de seus maiores, e voltando da Escossia frequentou as primeiras aulas em Nottingham, Dulwich, e Harrow. Altivo, turbulento, e reconcentrado, Lord Byron nos primeiros estudos não deu provas de um talento superior, mas antes fez progressos mui mediocres: indocil á disciplina, e estatutos collegiaes desgostou a seus professores, e á sua mesma familia.

Mas uma circunstancia occorreu em Harrow, que parece haver dominado o seu espirito em todo o resto da vida. Lord Byron apaixonou-se por Miss Chaworth: era ella mais velha, e o amava, mas como a uma criança, ou a um irmão. Este repudio, ou antes indifferença, affligio o joven Byron, inflammou a sua alma sobejamente ardente, e parece que fôra a fonte d'onde brotou esta sensibilidade melancolica sempre, e ás vezes desesperada, e visionaria, que enlutou o

resto de seus dias. Em Miss Chaworth elle imaginou o prototypo d'uma bellesa ideal, e este phantasma o atormentou até morte como a Camoens, Tasso, e Petrarca: era uma doença incuravel do espirito. « Ella era (diz elle) o bello ideal de tudo quanto a minha verde infancia podia pintar de formozura! e eu concebi todos os meus delirios da natureza celeste d'uma mulher pela perfeição, que a minha ideia formou d'esta.» Foram as primicias do amor d'uma alma sublime, e todos sabem que ellas são sinceras: o tempo não pode apagar affecçoens d'uma idade, em que o coração se desabrocha ao sentimento da vida.

Passou daqui á universidade de Cambridge onde compoz já algumas poezias, que não agouravam todavia um talento eminente como mostrou, e que serviram de assumpto d'uma critica severa; mas aproveitou milhor ahi o tempo. Em março 13, 1809 tomou assento na Camara dos Lords com o projecto de logo se embarcar, partindo effectivamente para Lisboa em julho deste mesmo anno, e dahi pelas provincias do Sul da Hespanha para Gibraltar. Passou depois á Italia, e dahi á Grecia, que percorreu em toda a parte com attenção d'um viajante, gosto d'um litterato, e impressoens sublimes d'um poeta da primeira ordem. Foi depois a Constantinopla, regressou a Athenas, e se embarcou para Londres onde chegou em meado de julho de 1811.

Passados tempos desposou-se com Miss Milbank, cujas nupcias se celebraram em janeiro 2, 1815 sem que o nobre Lord sentisse em si muita affeição por sua esposa, antes uma repugnancia, e como elle disse *maus agouros*. Uma vida faustosa em Londres com outras extravagancias poz em completa ruina a sua

casa, que nem era mui rendosa, e se achava de ha muito empenhada em grandes sommas, e soffreu penhora até na cama. Lady Byron podéra talvez queixar-se com razão de seu esposo em algumas cousas; mas ella mesma parece não ter possuido alguma das qualidades, que podessem attrahir o caracter singular, e o espirito ardente, e voluvel de Lord Byron: nunca se amaram, e apenas se estimavam. « Ella casou-se comigo por vaidade (diz o illustre poeta), e na esperança de corrigir-me, e de fixar-me. » Isto explica tudo. Resolveu-se que ella hiria visitar seu pai, e esperaria tempo mais bonançoso; desde então houve um divorcio tacito, mas elle sempre a estimou até os ultimos momentos. Houve uma filha, a quem em seus poemas appelidou Ada. — « Ada, unica herdeira do meu amor, e do meu titulo. Ada sole daughter of my house and heart. »

O nobre Lord resolveu-se a sahir, e para sempre, outra vez da sua patria. Em abril 25, 1816 se embarcou para Ostend: visitou depois o campo de Waterloo, e viveu algum tempo em Switzerland; passou-se a Veneza, e dahi a Ravenna no fim de 1819. Foi aqui que Lord Byron se apaixonou pela condeça Guiccioli. Esta senhora mui bella, de dezoito annos de idade, e de um espirito cultivado, era casada com o conde Guiccioli, homem septuagenario: ella mereceu todo o affecto do illustre poeta, e o amava extremosamente; seu esposo irritou-se, e separaram-se. Lord Byron a tirou de um convento furtivamente, e houve d'ella duas filhas, das quaes uma morreu depois. Neste tempo era Lord Byron vigiado do governo, que o suppunha intrometer-se nos negocios politicos do paiz; recebendo em casa alguns cabeças do partido liberal, e tendo armamentos em seu palacio; e este

dissabor, com a opinião desfavoravel nascida do divorcio da condeça pela perseguição dos Gambas da familia de Guiccioli, o obrigou no outono de 1821 a partir para Pisa em companhia desta senhora. Aqui tambem esteve debaixo da vigilancia do governo Toscano, e no fim de septembro de 1822 se passou a Genova.

Lord Byron carecia então ja de affecçoens mui fortes, que despertassem o seu espirito; a vida molle o enojava, e de ha muito intentava voltar á Grecia, e ella no seu estado actual de politica era capaz de darlhe nova gloria, e novos prazeres. Na primavera de 1823 fez os seus preparativos de viagem, e chegou a Cephalonia em agosto do mesmo anno. Abandonou em Genova a condeça Guiccioli, que por elle sacrificára tudo. Antes de entrar na Grecia tinha aberto correspondencias com os primeiros cabeças da revolução, e depois se concertou com Mavrocordato, Colocotroni, e Marco Botzaris, a quem mandou soccorros de provimentos, e quarenta Suliotes, ou Albanos, pagos, e fardados á sua custa no cerco de Missolonghi.

Em dezembro 29, 1823 Lord Byron deixou Argostoli, porto de Cephalonia, e se embarcou para Zante, e chegou a Missolonghi em janeiro 5, 1824. Foi depois nomeado commandante de trez mil homens no cerco de Lepanto onde soffreu algumas contrariedades, e disgostos da parte dos Suliotes. Taes revezes com outras difficuldades nascidas da guerra irritaram o seu caracter, e alteraram o seu estado de saude, que nunca fôra vigorosa, e a final teve um ataque de epilepsya, de que milhorou sem comtudo se recobrar inteiramente. No primeiro de março queixou-se de vertigens: em 9 de abril hindo a passeio apanhou

chuva, e a 12 cahio de cama com uma febre, que nunca fez inteira remittencia até o dia 19 em que morreu pelas onze horas da noite.

Mavrocordato em decreto do mesmo dia mandou suspender as festevidades publicas, salvar a artilheria, fechar tribunaes, casas, e lojas publicas por trez dias, fazer preces, e funeraes em todas as igrejas, e tomar luto de 21 dias. O seu corpo foi embalsamado, e enviado a Zante. Daqui foi levado a Inglaterra acompanhado do Coronel Stanhope. Recusou-se-lhe o ser depositado em S. Paulo, e que o seu funeral fosse publico; foi por tanto acompanhado de alguns amigos para Hucknell perto de Newstead Abbey, em cuja igreja foi depositado ao pé das cinzas de seus maiores.

Mal podemos dar um juizo critico ácerca das composiçoens d'este illustre poeta, recopilando a opinião de diversos escriptores abalisados, por nos fallecer espaço, e tempo: e contentando-nos apenas com dar a nomenclatura de suas obras em differentes generos, diremos que os tribunaes litterarios de Inglaterra, França, e Alemanha lhe assignaram um logar summamente distincto entre os poetas da primeira ordem n'este seculo.

As obras de Lord Byron são as que seguem—*Lara*, romance—*Childe Harold*, id—*Hints from Horace*, Imitaçoens de Horacio—*The Curse of Minerva*—*The Waltz*, Hymno apostrophico—*The Giaour*, fragmento de um romance Turco—*The Corsair*, o Pirata—*The Bride of Abydos*, a Noiva de Abydos, romance Turco—*Ode to Napoleon Bonaparte*—*Hebrew Melodies*, Melodias Hebraicas—*The Siege of Corinth*, o Sitio de Corintho, romance—*Parisina*,

poema——*The Prisoner of Chillon*, o Prisioneiro de Chillon, fabula—*The Dream*, o Sonho, poema—*Manfred*, poema dramatico—*The Lament of Tasso*, Lamentação de Tasso, poema—*Beppo*, Conto Venesiano—*Mazeppa*, romance—*Ode on Venice*, Ode a Venesa—*The Morgant Maggiore of Pulci*, poema—*The Prophecy of Dante*, a Propheciade Dante—*Francesca of Romini*, poema—*Marino Faliero*, tragedia historica—*The Vision of Judgement*, Visão do ultimo Juizo—*Heaven and Earth*, O Ceo, e a Terra—*Sardanapalus*, tragedia—*The Two Foscari*, tragedia historica—*The Deformed transformed*—*Cain*, mysterio—*Werner*, tragedia—*The Age of Bronze*, a Idade de Bronze, poema—*The Island*, a Ilha, id—*Don Juan*, id—.

LARA

CANTO PRIMEIRO (1)

I.

Pelas terras de Lara hoje os vassallos (2)
Folgam, na escravidão quasi não pensam;
Nunca esquecido, mas inopinado
Chega o Senhor do exilio voluntario.
No aturdido castello ha ledos rostos,
Taças na meza, em muros estandartes;
Nas pintadas janellas reverbera,
E luz de longe chamma hospitaleira;
Cercam o lar contentes paniguados,
Na lingua estrondo são, prazer nos olhos.

II.

Finalmente voltou outra vez Lara:
E para que passou o mar visinho?
Perdêra o pae tam joven que o não sente,
Senhor de si—herança de infortunio,
Fatal dominio ao homem concedido,
Que foragida a paz lhe poem do peito!—
Sem um, que o reja, com alguns, que o levem

Por mil veredas, que vão dar no crime,
Homens Lara governa, e sua infancia
Violenta ha mister ser governada.
Embora, inutil he na vida errante,
Que teve, o pesquizar-lhe os verdes annos;
Dos desvarios seus foi breve o espaço,
Mas para quasi o perverter foi longo. (3)

III.

Lara deixou a patria ainda moço;
Mas logo que partîra se esqueceram
De indagar onde hiriam os seus passos,
Té que quasi o riscaram da lembrança.
Seu pae he morto, devem acclama-lo,
Mas Lara ausente está, mais nada sabem;
Não vem, nem manda, e d'elle se recordam
Mui poucos com pezar, muitos sem elle.
Seu nome apenas se ouve no castello,
Desbotado painel mal o retrata,
Outro senhor conforta a sua noiva,
Morreram velhos, mal se lembram moços;
« E ainda vive! » exclama herdeiro sôfrego,
E chora pelo lucto intempestivo.
Ornam escudos cem com negras vestes
Dos Laras vasta estancia derradeira;
Mas á lista dos mortos um não fôra,
Folgariam de o ter na pilha gothica. (4)

IV.

Subito em fim chegou, e só, mas d'onde,
Ou a que vem não sabem, nem carecem;
Quando o saudam mais se maravilham
Não d'elle vir, porêm da longa ausencia:
A comitiva sua he d'um só pagem
De tenra idade, e aspecto forasteiro.
Gastam-se os annos, passam-se velozes
Para quem sahe da patria, ou vive n'ella;
Mas desejos de ver climas estranhos
Dão lentas azas ao cançado tempo.
Elles o veem, conhecem, e inda julgam
Dubio o presente, e sonhos o passado.
Vive, e dos dias seus na flor, crestada
Comtudo de fadigas, e do tempo;
Dos desvarios seus se lembra apenas,
São tantos que olvida-los fôra facil;
D'elle se ignoram vicios, ou virtudes
Agora, e sustentar pode a prosapia:
De indole altiva foi na juventude,
Triumphos d'ella foram os seus erros,
Mas taes que, se de todo o não perdessem,
Podéra resgata-los c'um remorso.

V.

Mudados estão pois — elle apparece
De repente qual he, não como fôra:

Rugas da sobrancelha se alizaram,
Ella exprime paixão, porêm ja finda,
Não um ardor de moço, mas orgulho,
Frio gesto, desprêzo de louvores,
Altivo porte, e um fitar, que escruta
Alheios pensamentos n'uma vista,
Um fallar de ironia, que descobre
Chagas do coração, que o mundo affilige, (5)
Esse dardo, que fere com motejos,
De que os mesmos feridos se não queixam,
Seus traços estes são, e outros escondem,
Que a sua vista, e voz mal revelaram.
Gloria, amor, ambição, alvos do vulgo,
Onde todos disparam, poucos ferem,
Dentro do peito seu ja não reluctam,
E parecia ha pouco alimenta-los;
Um sombrio pezar, que em vão se estuda,
A's faces lividas lhe assoma ás vezes.

VI.

Não gosta que lhe indaguem do passado,
Nem falla em solidoens, páramos vastos
De terras longes onde divagára,
E—como o desejou—desconhecido.
Emvão pretendem ler nas vistas d'elle,
Ao companheiro seu debalde inquirem;
Lara não quer fallar do que avistára,

De o saber julga indigno um forasteiro;
E se, encarando-o mais, o reperguntam,
Carrega a sobrancelha, e não responde.

VII.

Não se fartam de o verem muitas vezes,
Da sua vinda fallam muito os homens;
Nascido nobre, em alto senhorio,
C'os magnates da patria emparelhava;
Hia á festa dos nobres divertidos,
Via-os sumir em pranto, ou riso, o tempo; (6)
Mas hoje os vê somente sem ter parte
Em seus communs prazeres, ou desgostos;
Apoz não vai do que elles todos buscam
Ainda emvão, ainda insaciados;
As honras tranzitorias, as riquezas,
Premios de amor, ou d'um rival triumphos:
Em torno d'elle apinham-se suspensos,
Contemplam-n'o, e dos homens o desviam;
Suas vistas infundem tal conceito
Que fita-las os frivolos não podem;
Se alguns o veem de perto mais ousados
Pasmam, e em mutuo medo sos murmuram;
Outros não mais amigos, mais discretos,
O crem melhor do que os seus gestos dizem.

VIII.

Mudado está de todo—outr'ora moço
Sofrego de prazer buscava riscos;
Amor—combates—mar—tudo, que dava
Ou desastres, ou gozos verdadeiros,
Elle o passou—na terra gozou tudo,
E por fructos colheu prazer, ou magoas,
Os extremos seguîra; quiz em lidas
Intorpecer seus mesmos pensamentos:
Sua alma procellosa remontava
Zombando álem dos debeis elementos;
Fitava os ares, perguntava em extases
Se havia como os seus álem dos astros:
A excessos dado, escravo dos extremos,
De que modo acordou d'estes delirios?
Ai! não diz—mas tornando em si pragueja
Myrrhado coração, que inda palpita. (7)

IX.

Com avidez o viam abrir livros,
O seu primeiro tomo fôra o homem,
E ás vezes de repente muitos dias
Gostava de ficar mui solitario:
Seus pagens, a quem raro chama, dizem
Que alta noite lhe escutam passos rapidos
Na escura galeria, onde amedrontam

Toscas copias de seus antepassados:
Murmuram entre si— « que bem nam viram—
« Como a d'elles a voz não he terrestre.
« Sim ria quem quizer, o que avistaram
« Não sabem, mas de humano nada tinha.
« Porque pasma em fitar caveira pallida,
« Que mão profana á morte arrebatára,
« E junto a tem do livro seu aberto,
« Como para espantar aos outros homens?
« Porque não dorme quando os mais descançam?
« E de musica foge, e não quer hospedes?
« N'isto nada ha de bom—mas de mau nada.
« Alguem sabe-o talvez—conta-lo he longo;
« De mais quem o souber será prudente
« Em lhes dizer que apenas são suspeitas;
« Se o quizessem porêm—podiam—» juntos
Assim fallam de Lara os seus vassallos.

X.

Era noite—as estrellas fulgurantes
Puros crystaes do rio marchetavam:
Serenas mal se vê descer as aguas,
Mansas como a ventura em tanto fogem;
De longe, e d'alto magicas reflectem
Os lumes immortaes do firmamento:
Bellas arvores ornam-lhes as margens,
E flores, que as abelhas convidaram;

Taes Diana em grinaldas punha joven,
Taes a amor offertára a innocencia.
As ondas fazem leito em torcicollos
Como a serpente lubricos, brilhantes:
O ar, e a terra estão n'um tal socego
Que nem mesmo um phantasma amedrontára;
Certo não pode o mal achar deleite
Em vagar n'uma scena, e noite d'estas!
São para o bem somente estes momentos:
Lara o pensa, parado está não longe,
Mas em silencio vai para o castello;
Não pode mais sua alma ver tal scena:
Ella o faz recordar de antigos dias,
De ceos mais puros, luas mais fulgentes,
Noites mais bellas, e de peitos, que hoje—
Não—não—elle procellas não temêra,
Novas—mortaes—mas noite tam formosa
Zomba de um coração como o de Lara. (8)

XI.

Passeia pela sala solitaria,
Alta a sombra se estira nas paredes;
D'ellas pendem retratos antiquados,
São os restos de crimes, ou virtudes,
Conforme a tradição; alli ha campas
Onde se abrigam pó, fraquezas, erros;
Meia columna em titulos pomposos

Noticias vans estende d'era em era;
N'ella a historia gravou louvor, ou culpa,
Mentindo ataviada da verdade.
A lua enfia os raios pelos vidros
Escuros, e vão dar no chão de marmore;
O tecto corroido, os santos curvos
Em oração nas gothicas capellas
Reflectidos avultam em phantasmas,
Parecem respirar immortal vida;
Anda, e medita Lara, estes cabellos
Pretos, e sobrancelha, as plumas tremulas,
Lhe dão visos de spectro, e seu aspecto
Inspira o que o terror tem de mais grave.

XII.

Meia noite—repousa tudo; a alampada
Tem erma luz luttando com as trevas.
Ai! Lara no castello ouve rumores,
Um som—voz—grito—e um chamar medonho!
Grito forte—e silencio—elle o seu ecco
Fez estalar no ouvido dos que dormem?
Ouviram; e entre sustos, e ousadia
Acodem onde o som lhes pede auxilio;
N'uma mão trazem fachos semi-acesos,
Espadas sem talim na dextra armada.

XIII.

Frio, qual marmore onde baqueára,
Como a luz, que lhe dá no rosto, pallido
Lara jaz: perto o sabre meio fóra
Diz que o susto não foi d'um ser terrestre:
Inda está firme, ou estivera sempre,
Contrahe-lhe o rosto furia de guerreiro;
Espavorido, e immovel, em seus labios
Pintada a sede tem de morticinio;
De ameaças exprimir não acabaram,
E imprecaçoens de orgulho delirado;
Cerrados, porêm não de todo, os olhos
Visos de gladiador teem em seus trances,
Se fóra em si podéra revela-los,
Ora os fixou n'um descançar medonho.
Levantam-n'o—seguram—vive—falla,
Recobra um baço-purpura nas faces,
Cor nos labios, os olhos, bem que turvos,
Espavoridos giram, membros tremulos
Se movem devagar, altas as vozes,
Em sons, que não parecem ser da patria;
Distinctos, mas estranhos, e elles podem
Discernir que são sons d'outros paizes.
Eram-n'o sim, mas buscam escuta-los,
E os não entendem—se entender não podem!

XIV.

Chega o pagem; parece ser quem sabe (9)
Penetrar o que as vozes exprimiam.
Um comprimir de gesto, e sobrancelha
Mostra que Lara nunca as revelára;
Nem as explica, e menos assombrado
Do que todos, que estão em torno do amo,
Se inclina para Lara ainda em terra,
Falla esta lingua, que parece a d'elle,
E Lara escuta os sons, que meigos fazem
Dissipar-lhe o horror do seu delirio,
Se foi delirio o que abatêra um peito,
Que dispensa affliçoens imaginarias.

XV.

O que a mente sonhára, ou viram olhos,
Bem que o saiba jamais o revelára,
Fica em seu peito: raia a luz diurna,
E as quebrantadas forças lhe restaura;
Regeita a medicina, e sacerdotes,
Tornado ao mesmo em fallas, e nos gestos,
Como d'antes occupa horas velozes:
Menos não ri, a fronte se não tolda
Mais que d'antes: se a noite se avizinha,
E se aos olhos de Lara he menos bella,
Não podem seus vassallos conhece-lo,

Cujo tremor delata-lhes o susto.
Não sos, porêm a dous se juntam sempre,
Fogem da triste sala espavoridos;
De estandarte um bolir, bater de porta,
O rugir de um tapete, ecco de passos,
A sombra de alamedas, dos morcegos
O esvoaçar, a viração da noite;
Tudo, que veem, e escutam, os assusta,
Logo que as trevas cobrem as muralhas.

XVI.

Em vão! a hora da dor misteriosa
Não volta, ou encubri-la pode Lara
Como quem se esquecêra, e mais assombro,
Mas não menos terror, teem os vassallos—
Ao cobrar dos sentidos se não lembra?
A falla, e vista, e gestos de seu amo
Não são de quem pareça recordar-se
Do momento mortal dos males d'alma.
Foi sonho?—sua a voz, que proferîra
Confusos sons estranhos?—seu o grito,
Que os despertou?—e o coração, que em ancias
Parou?—foi d'elle o olhar, que amedrontava?
Quem tanto padeceu pode esquecer-se,
Se quem o vîra inda estremece agora?
Este o silencio d'um sentir profundo,
Que lhe tolhe o fallar, mas indelevel

N'um segredo voraz, que morde n'alma,
Que os effeitos descobre, e esconde a causa?
Não sabem, tam recondito he seu peito,
Que penetrar não pode a vista humana
Pensamentos, que os labios mal exprimem;
Murmuram sons confusos, e emmudecem. (10)

XVII.

Lara reune em si mixto, que inspira
Amor, e odio, affectos, e temores;
Do seu viver sombrio ha dubia fama,
Ou desprêzo, ou louvor tem o seu nome;
Instiga a fallar d'elle o seu silencio—
Pensam—admiram—querem conhece-lo.
O que fôra? este incognito, que vaga
No mundo, e so conhecem que he fidalgo?
Inimigo dos homens? Ha quem diga
Que em seu rosto alegria se pintava;
Porêm que o seu surrir visto de perto
Se sumia em escarneo convertido;
Que vinha a labios seus, mas não de dentro,
E que nunca os seus olhos serenava:
A's vezes tinha n'elles mais doçura
Como se mau per indole não fôra;
Mas a sua alma logo se emendava
D'uma fraqueza indigna de seu porte,
Buscava encruecer-se qual se d'homens
Resgatar os louvores desdenhasse;

E o coração punir d'uma ternura
Quizesse, que o repouso lhe tirára,
E per vivos pezares impelli-lo
A odiar ja que amára em demasia.

XVIII.

Tem tudo n'um desprezo de continuo:
Como quem ja passára o mais funesto,
Parece um forasteiro pelo mundo,
Ou phantasma, que os tumulos lançaram;
De sombrio pensar como quem busca
Riscos por gosto, e apenas lhes escapa;
Mas debalde, sua alma em recorda-los
Tinha um mixto de magoas, e prazeres:
Com mais fôrças de amar do que no mundo
Receberam os entes, que respiram,
Os sonhos de virtude o transviaram,
E joven foi apoz de desvarios;
Chorava os annos gastos em quimeras,
E as fôrças, que tam mal desperdiçára;
O imperio de paixoens desacordadas
Totalmente os seus passos devastára,
Perturbaçoens deixando-lhe so n'alma
Na idea d'esses dias procellosos;
Mas suberbo, e tardio em condemnar-se
De cumplice accusava a natureza,
Seus erros a esta carne attribuia,

Do espirito prisão, pasto de vermes;
Até que o bem, e o mal não discernindo
Chamava a seus caprichos leis do fado:
Podia sobranceiro ao egoismo
A's vezes immolar-se ao bem alheio,
Mas não como um dever, como piedade,
Depravação bizarra era so d'alma,
Que n'um calado orgulho o obrigava
Ao que poucos, nenhuns talvez fizessem;
Mas este mesmo impulso muitas vezes
Tambem o desvairava para o crime;
Tanto se distinguir buscava d'homens
Como elle condemnados á existencia,
E per virtude ou crimes extremar-se
Dos que tinham tambem mortal partilha;
Por tedio ergueu sua alma um throno longe
Do mundo em regioens de phantasia:
Desdenhando terraqueos estampidos
Seu sangue então corria mais tranquillo:
Ah! ditoso se o não ateasse o crime,
E se nesta frieza circulára!
De certo elle pizava humanas sendas,
Eram d'homem seus gestos, e palavras,
Com faltas a razão não ultrajava,
Do coração seu mal era, não d'alma;
Raro se distrahia nos discursos,
Para não offender emmudecia.

XIX.

Apezar d'estes ares tam sombrios,
E de gostar de ser desconhecido,
Soube (se um dom não foi da natureza)
No alheio coração gravar lembranças;
Não era amor talvez—nem odio—nada
Do que em palavras pode transmittir-se;
Porêm debalde os homens o não viam,
De si sempre os deixava insaciaveis:
Das fallas, que lhe ouviam, se lembravam,
Bem que levianas n'ellas reflectiam:
Não sabem como, nem porque, mas n'alma
Dos que o ouviam elle penetrava;
Logo ao ve-lo inspirava amor, ou odio;
De qualquer modo emfim que commovesse
Compaixão, amizade, antipathia,
O que imprimisse em ti era indelevel.
Penetrar não podias em sua alma,
Maravilhado entrar na tua o vias:
A imagem d'elle nunca se apagava,
Forçava alheios peitos a estima-lo
Debalde resistîras, parecia
Que elle te provocava a esquecê-lo. (11)

XX.

Celebrou-se uma festa, a que assistiram
Cavalheiros, e damas, convidados

Por linhagem, riqueza—o conde Lara
Ao castello de Othon tambem viera.
Na sala illuminada eram convivas
Enlevados na dança e no banquete;
Côro alegre de jovens formozuras
As graças, e harmonia encadeavam:
Sinceros coraçoens, mãos amorosas
Grupos gentis alli faziam juntos;
Scena, que dera jubilo á tristeza,
Riso á velhice, á mocidade sonhos,
Ella, que em seus delirios se não lembra
De que na terra gasta estes momentos!

XXI.

—Mas Lara mui risonho assiste á festa,
—Se tem magoas, no rosto o não conhecem;
Com vista firme segue airosos pares,—
Cujos passos nem fazem um ruido:
—Junto d'alto pilar se recostára,
—Encrusados os braços, d'olhos fitos,
Não dá fé d'uma vista, que o contempla—
—D'um curioso olhar Lara não gosta—
Avista-o, desconhece este semblante,
—Mas elle busca so fitar-se em Lara;
Sombrio, indagador, um forasteiro
Parece, e sem ser visto o espreitava;
De repente os seus olhos se encontraram,—
E estranhos pasmam, mutuos se interrogam;

Leve perturbação Lara sentio
Como se do estrangeiro receiasse;
Elle tem um aspecto truculento,
E o que exprime saber não pode o vulgo.

XXII.

« He elle! » grita, e esta voz resoa
Veloz em murmurinho pela sala.
« He elle » — « Quem? » assim gira a pergunta,
E aos ouvidos chegou tambem de Lara;
De scena tam estranha todos pasmam,
Mal do geral assombro se recobram;
Lara immovel ficou, de cor não muda,
A agitação do encontro inopinado
Se acalmou, firme espalha a vista em torno,
Porêm o forasteiro inda o contempla;
Chega-se, e com feroz desprezo brada:
« He elle! — e como veio aqui? — que intenta? »

XXIII.

He muito, relevar não pode Lara
Affronta de pergunta tam altiva;
Carrega a sobrancelha, e em tom pausado,
Que mais tinha de firme que arrogante,
Responde ao forasteiro curioso —
« Chamo-me Lara! — e quando ouvir teu nome

« Não duvides de que eu responder possa
« A um tam cortez, e estranho cavalheiro.
« Sou Lara!—queres mais saber? A tudo
« Responderei que mascara não tenho ».

« Responderás! Pondera—a uma pergunta
« Ousáras se chegasses a escuta-la?
« Não me conheces bem? em mim reflecte!
« Não te foi dada inutil a memoria.
« Oh! negáras emvão o que ella deve,
« Não t'o deixa esquecer a eternidade. » (12)
Lara firme, e tranquillo mede os ares
Do estrangeiro, mas n'elles nada encontra,
De que possa, ou talvez queira lembrar-se—
Duvidoso não falla, e volta o rosto,
D'um ar desprezador vai retirar-se;
O estrangeiro feroz lhe diz que pare.
« Uma palavra só!—Responde a um homem,
« Que fôra teu igual se fosses nobre.
« Sejas quem for—o gesto não carregues,
« Se o que eu dicer for falso me desmente—
« Do teu surrir, e olhar me não confio,
« Mas nem temo o teu rosto carrancudo.
« Dize, o mesmo não hes—»
« Quem quer que eu seja,
« Palavras taes, e taes accusadores
« Desprézo; quem quizer prestar-te ouvidos
« Ao mais, que não se afoite a interromper-te
« Bella historia, que estavas proseguindo,
« E tam cortez havias começado.

« Festeje Othon seu hospede polido,
« Eu saberei mostrar-lhe que sou grato ».
Então pasmado Othon os interrompe—
« Seja qualquer que for vosso segredo
« Este o tempo não he de perturbardes
« A alegre companhia com disputas.
« Se tu tens, Ezzelin, cousas de pêso,
« Que revelar convenha ao conde Lara,
« A'manhan, mesmo aqui, ou n'outra parte,
« Como ambos convierem, lh'as descobre;
« Afiança Ezzelin por que o conheço,
« Se bem que ha pouco vindo d'outras terras
« Como Lara pareça forasteiro;
« E se o valor, e meritos de Lara
« Eu medir pelo sangue, e nascimento,
« Fio que elle honrará sua linhagem,
« E nem falte ao dever de cavalheiro.

« Té amanhan »—diz Ezzelin—« veremos
« Aqui quem tem valor, e quem tem honra;
« A verdade direi: por esta espada,
« E vida o juro: assim nos Ceos entrasse ! »
Lara o que respondeu?—sua alma toda
Meditaçoens profundas occupavam:
D'elle muitos fallar parecem, n'elle
A companhia toda poem as vistas;
Taciturno espalhou em roda as suas,
Esquecido parece todo—todo—
Mas ai! sua abstração mui bem delata
O que a reminiscencia lhe lembrava.

XXIV.

« Té ámanhan !—sim, ámanhan ! » de Lara
Nem mais um som os labios proferiram;
Em seu rosto paixoens se não vislumbram;
Nos grandes olhos iras não dardejam;
Mas o accento de sua voz he d'homem,
Que firme resolveu, mais nada exprime.
Toma o manto—corteja ao despedir-se,
E perto de Ezzelin passou; surrio-se
Do olhar ameaçador, que nelle punha
O cavalheiro ao ve-lo retirar-se:
Não foi surrir de jubilo, ou de orgulho,
Que, quando se vingar não pode, zomba;
Era o d'um coração de homem, que sabe
O que tem de soffrer, ou o que emprende.
Este o surrir de paz, o da virtude?
Ou do crime amestrado em desespêro?
Ai! ambos se assemelham em seus ares,
A vista, e voz dos homens os confundem;
So per acçoens he dado discernir-se
O que sondar não pode a innocencia.

XXV.

Lara chama o seu pagem, e ambos sahem—
A seus gestos, e voz acode o moço;
Seu companheiro foi de terras longes

Onde astros mais brilhantes a alma inflammam;
Abandonou por Lara a sua patria,
Era docil, tranquillo, inda que joven;
Calado como o amo, alem do estado,
E dos annos mostrava lealdade.
Inda que do paiz sabia a lingua,
N'ella lhe dava Lara poucas ordens;
Mas quando lhe fallava em sons da patria
Subito se apressava em responder-lhe:
Despertam-lhe saudades das montanhas
Onde nasceu, os eccos lhe recordam
D'ellas, os paes, amigos, e parentes,
Aos quaes deixou por um—amigo, tudo:
Outro guia não tem ja neste mundo;
E de nunca o deixar inda se admiram?

XXVI.

Era lindo o seu talhe, o sol nativo
O rosto lhe ateou fino, e moreno,
Mas bem que abrasador não macerára
Faces, que ás vezes tingem-se de purpura;
Não d'esse colorido de saude,
Que traslada na tez jubilos d'alma;
Era uma cor febril de occultas magoas,
Que em fervidos momentos resumbravam;
Roubado aos astros foi fulgor dos olhos
D'um pensamento electrico accendidos,
Bem que em negras pupillas longas palpebras

Mesclassem melancolica doçura;
Mostrava mais orgulho que tristeza,
Uma tristeza ao menos solitaria:
Em gracejar de pagens, em doudices
De moços como elle he, não se occupava;
Fixava a vista em Lara longas horas,
De tudo se esquecia em contempla-lo;
Se o não via, sozinho passeava,
Breve no responder, e sem perguntas;
Vagueava em bosques, lia estranhos livros;
Descançava nas margens dos regatos:
Parecia, como o amo, viver longe
Do que embelleza a vista, encanta a mente;
Fugir dos homens, e não ter da terra
Mais que um amargo dom—da existencia.

XXVII.

Se elle ama alguem, he Lara; mas somente
Lhe mostra affecto no cumprir das ordens;
Attento, e mudo, o zelo seu previne
Desejos, que inda a voz não revelára.
Em tudo, que fazia, tinha orgulho
D'uma alma nobre a increpaçoens esquiva;
Se a servis ministerios se abaixava
Era sempre com ares de suberba,
Como quem ordens não, porêm desejos
De Lara cumpriria, e sem salario.

Seu amo o incumbe so de alguns serviços,
Quaes no estribo pegar, trazer a espada,
A sua harpa afinar, ou ler-lhe livros
De lingua estranha, e d'eras antiquadas;
Nunca com outros pagens se entretinha,
Sem lhes mostrar estima, nem desprêzo,
Mas um ar reservado, que indicava
Discordar d'esta turba mercenaria:
Quer fôsse nobre, ou não, mas a sua alma
Pode a Lara abater-se, a elles nunca.
Parece que nasceu feliz, e illustre,
Nas mãos não tem signaes d'obras vulgares,
Tam finas que outro sexo mostrariam
A par da tez macia d'estas faces,
Se os vestidos não foram; mais altivo
Porêm tem um olhar que o do seu sexo;
Vibra um fogo, que nasce do seu clima
Ardente, e não d'um corpo delicado:
Mas d'alma elle não sobe nunca a labios,
Vivo transluz somente no semblante.
Seu nome he Kaled, apezar que dizem
Que outro teve antes de sahir da patria;
Sem responder ás vezes o escutava
Mui perto repetir como esquecido,
Ora dava por elle de repente
Como se se lembrasse que era aquelle;
Menos se a voz de Lara o proferia,
Que então sua alma toda despertava.

XXVIII.

Via a festa, e tambem na desavença
Reparou, que enlevava os convidados;
Quando todos lhe dizem que se admiram
Do arrôjo do valente cavalheiro,
E que o illustre Lara tolerasse,
E d'um desconhecido, tal affronta,
Kaled muda de cor, ora nos labios
Tem pallidez, ora nas faces fogo;
Banha-se o rosto seu n'um regelado
Suor, que o coração de si distilla
Quando se abate ao pêso, que o comprime,
D'um pensamento, que esquecer não pode.
Ha cousas que devêramos faze-las
Antes que a reflexão venha aclara-las:
Kaled teve uma ideia, que os seus labios
Cerrou, e no seu rosto pintou ancias.
Observava Ezzelin quando um surriso
De motejo passando lhe deu Lara;
Em terra o gesto poz Kaled ao ve-lo
Como se conhecesse que era justo;
Este surriso mais lhe revelára
Do que os gestos de Lara aos outros dizem:
Ei-lo a pé—um momento, e ambos partiram,
Parece a sala toda solitaria;
Tanto as feiçoens de Lara contemplaram
Todos, e n'esta scena se embeberam
Que depois que no portico alongada
Pelos fachos se fôra a sua sombra,

Os coraçoens oppressos palpitavam
Como ao sahir de sonho pavoroso,
Ao qual se não dá fé, comtudo assusta,
Por que he mais facil ser um mal verdade.
Foram—mas Ezzelin inda ficára,
De rosto pensativo, e de ar suberbo;
Mas não se detem muito; antes d'uma hora
Se despede de Othon, e retirou-se.

XXIX.

Foi-se a turba, repousam os convivas;
Othon cortez, e os hospedes depressa
Vão ao descanço onde o prazer expira,
E pelo somno a dor gemendo chama,
Onde o homem fatigado de revezes
Busca o esquecimento da existencia:
Alli sonhos de amor, perfidias, morrem,
Astucias d'ambição, tormentos d'odio;
O esquecimento a tudo estende as azas,
E n'um tumulo a vida se sepulta.
Que outro nome convem do somno ao leito?
Campa da noite, universal asylo,
Onde n'uma nudez igual reclinam
Força, fraqueza, vicios, e virtudes;
Feliz que sem sentir respira um pouco,
Ao despertar torna a luttar co'a morte,
E inda que o novo dia aggrave os males,
Foge ao somno, o melhor, e sem delirios.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

LARA

CANTO SEGUNDO (1)

I.

Voa a noite—os vapores da montanha
Dissipa a aurora, a luz desperta o mundo.
Um dia mais juntou-se aos dias do homem,
Que de vagar caminha ao derradeiro;
Parece estar na infancia a natureza,
O sol brilha nos ceos, na terra ha vida,
Flores no valle, resplandor nos ares,
Na viração vigor, fresco nos rios.
Vê, homem immortal! tanta belleza,
Comtigo exulta, e dize « isto he meu tudo! »
Admira em quanto os olhos teus o podem;
Virá dia, em que mais te não pertença:
Cubra-te embora a dor a muda campa,
A terra, e ceos não hão de prantear-te,
Toldar-se a nuvem, desfolhar-se o tronco,
Nem o vento gemer por ti, por tantos;
Virão a teu despojo a rasto os bichos,
E a terra adubarão com tuas cinzas,

II.

Meio dia—de Othon para o castello
Caminham convidados cavalheiros;
Esta hora se marcou, e n'ella a infamia,
Ou o louvor de Lara se decide.
Aqui mesmo Ezzelin ha de accusa-lo,
E a verdade dirá com singeleza.
A palavra empenhou, e dar-lhe ouvidos
Perante o ceo, e os homens jurou Lara:
Por que tarda? Indulgente assaz parece
Em cousas aclarar de tanta monta.

III.

Passa a hora, mas Lara não se ausenta,
Confia em si d'um ar inalteravel;
Por que Ezzelin não vem? He tarde, e todos
Murmuram, perturbado Othon se afflige.
« Conheço o meu amigo, á fé não falta,
« Se inda no mundo está por elle esperem;
« A casa, em que dormîra, jaz no valle
« Entre as terras do nobre Lara, e minhas;
« Um cavalheiro tal me fôra d'honra,
« E Ezzelin pernoitára em meu castello;
« Mas talvez foi mister dispor as provas,
« Que hoje lhe assegurassem o triumpho;

« Outra vez o afiança, e em falta d'elle
« A honra sustentarei de cavalheiro. »

Dissera—e Lara assim tornou « Tu foste
« Quem para aqui me achar me convidára;
« Vinha affrontas ouvir d'um estrangeiro,
« Que muito affligiriam a minha alma
« Se eu o não reputára de insensato,
« Ou, o que inda he peior, vil inimigo.
« Quem he não sei—parece conhecer-me
« D'algum paiz—mas desperdiço o tempo:
« Produz o delator—ou com a espada
« Sustenta agora aqui tua promessa. »

Othon corou de raiva, atira em terra
Co'a luva, e puxa o sabre da bainha.
« Escolho este partido derradeiro,
« Combaterei por meu amigo ausente. »
Sombria pallidez Lara não muda,
A morrer, ou matar embora exposto.
A galhardia, com que empunha os copos,
Mostra ser destro no vibrar dos golpes;
D'olhos serenos sim, mas implacaveis,
Com prazer se postou de espada nua.
Debalde os cavalheiros interferem,
Nada o furor de Othon reprimir pode;
De seus labios somente solta affrontas,
E sua espada basta a sustenta-las.

IV.

Curto o combate foi; cego de furia
Othon vaidoso expoem o peito ao golpe:
Em terra cahe ferido destramente,
Mas não mortal, da mão do seu contrario.
« Pede a vida! » Não quer: quasi da terra
Ensanguentada mais se não levanta,
Que o semblante de Lara n'um momento
Ennegreceu da raiva, em que se abrasa;
Alça o seu sabre, e tam feroz não fôra
Quando o de Othon seu peito ameaçava;
Então ficára frio, e truculento,
E agora de repente abafa em iras;
Resolveu não poupar o seu contrario,
E quando o braço querem desarmar-lhe
Quasi que aponta a espada furibundo
Contra os que vem pedir-lhe que perdoe;
Porêm d'isso o distrahe um pensamento;
Enlevado contempla o cavalheiro,
Parece pezaroso da victoria
Inutil, que viver deixa o inimigo,
E medir a distancia, em que da morte
Os seus golpes a victima deixaram.

V.

Banhado em sangue Othon dalli conduzem,
Perguntas, fallas, gestos lhe prohibem;

Todos os cavalheiros se retiram,
E a causa do combate, em que triumpha,
Lara, sem despedir-se, e n'um silencio
Altivo dalli sahe ainda irado.
Monta a cavallo, e vai para o castello,
Para o de Othon siquer nem torce a vista.

VI.

Mas onde o meteóro d'uma noite
Horrendo, o qual ao vir da luz fugio?
Que he feito de Ezzelin, que se sumîra
Sem ao menos mostrar o que intentava?
Do castello de Othon antes do dia
Partio, ainda escuro, mas a estrada
Era bem conhecida, a casa perto;
Mas n'ella não está, novas pesquizas
No outro dia se faz, e nada alcançam
Senão que o cavalheiro se não acha.
Encontram sos seu leito, e o seu cavallo,
Othon se afflige, os pagens seus murmuram:
Proseguem a indagar na visinhança,
E temem ver signaes de salteadores:
Mas nem ao menos veem balsa amassada,
Nem sangue, nem pedaços de vestido;
A relva em si não tem mostras de queda,
Ou de lucta, que indiquem assassinio,
Ensanguentados dedos não deixaram

Uma impressão profunda, e convulsiva
De agonisante mão, que sem defensa
Em ancias apertára herva mimosa.
Se alli morrêra alguem isto achariam,
Mas nada encontram; resta uma esperança
Duvidosa; de Lara desconfiam,
Da ma reputação d'elle se occupam;
Mas todos quando o avistam emmudecem,
E esperam que se ausente temerosos
Para outra vez de novo murmurarem,
E nutrirem sombrias conjecturas.

VII.

Passa o tempo, e de Othon cura as feridas,
O orgulho não; seu odio se descobre:
O contrario de Lara he poderoso,
E amigo dos que mais o dettestavam,
Perante os tribunaes vai accusa-lo
Agora, e de Ezzelin lhe pede conta.
Quem temer mais que Lara poderia
Sua presença? e quem te-lo sumido
Se não o homem, ao qual as ameaças
Poderam confundir se elle existisse?
Incerto, mas geral rumor se espalha,
E á multidão deleita este misterio;
A apparente frieza, com que Lara
Se não fia de amor, nem de amizade;

Um rapido furor, que trahe sua alma,
E esta destreza em menear o sabre;
Onde aprendeu seu braço não guerreiro?
Como o seu coração se fez tam fero?
Não he pois uma raiva passageira,
Que se ateia, e se apaga facilmente;
Mas o luctar profundo ja d'uma alma
Sem piedade onde as iras se debatem;
E a quem poder, desejos saciados
Toda tyranna em si reconcentraram:
Demais a propensão innata d'homens
Antes para culpar que dar louvores
Surgir faz contra Lara uma tormenta
Qual temêra, ou quizeram seus contrarios,
E a responder o obrigam por um homem,
Que morto, ou vivo deve persegui-lo.

VIII.

Tinha o paiz não poucos descontentes,
Que a tyrannia oppressos maldiziam;
Alli não poucos despotas sanhudos
Como leis promulgavam seus caprichos:
Guerras fóra, motins continuos dentro
A oppressão, e carnagem promoviam,
Basta-lhes um signal para os estragos
Reproduzir de guerras intestinas
Onde amigos, contrarios ha sem neutros;

Nos castellos feudaes obedecidos
Eram os senhores sim, mas dettestados.
Lara tinha tambem na sua herdade
Magoados coraçoens, mãos preguiçosas;
Mas da terra natal a longa ausencia
D'elle affastára a infamia de tyranno,
E agora o seu governo doce, e brando
Pouco e pouco os terrores dissipára;
Gozava do conceito dos vassallos,
Por elle, e não por si, sentiam sustos;
Julgavam-n'o infeliz, e n'outro tempo
O haviam reputado antes perverso,
E o furor mudo, e noites desveladas
Criam um mal na solidão nutrido:
Tinha ar de affavel bem que o seu castello
N'este viver sombrio entristecêra;
La sempre alivio tinham infelizes,
Ao menos compaixão d'elles sentia.
Com grandes frio, altivo com suberbos
Acolhia aos humildes prazenteiro;
Parco em fallas, mas d'entro de seus lares
Dava asylo, a ninguem nunca expellia.
Como isto cada dia conhecessem
Alli novos vassallos concorriam;
Mas depois que Ezzelin se não achára
Fingio-se mais cortez, e cavalheiro:
Do combate de Othon talvez temêra
Que urdissem contra si nova cilada;
Quaesquer que fossem seus intentos soube
Alcançar mais sequazes que outros nobres.

Se n'isto teve astucia foi tam habil
Que os homens o julgavam como o viam;
Abria asylo a todos, que o buscavam
Quando um senhor cruel os despedia.
La tinha o camponez segura a choça,
Maldizer não podia a sorte um servo;
O avarento guardava os seus thesouros,
Do desprêzo zombava o desvalido;
Detinha-os com bom trato, e recompensas
Té que para o deixar fosse mui tarde:
Os odios esperavam que chegasse
O tempo de vingança dilatada;
O amor per outras nupcias mallogrado
Contava em conquistar gentil belleza.
Nada falta, abolir somente espera
Ares de escravidão, que mal existe.
Ei-la a hora, o momento, em que a vingança,
Por que suspira, Othon julga segura:
O seu arauto achou um reo fingido
No castello cercado de mil braços
Das cadeias feudaes livres de pouco,
Que confiam no ceo, e a terra insultam.
Hoje Lara liberta os feudatarios,
Que a terra lavram para seus sepulchros!
Assim dizem—a senha das batalhas
Vinga oppressoens, direitos reconquista:
Religião—vingança—liberdade—
Qualquer voz leva os homens á matança;
As phrases de motim espalha a astucia,
Triumpha o crime, e pastam lobos, bichos!

IX.

Tanto poder os nobres usurparam
Que o joven rei apenas imperava;
Aos rebeldes o tempo era propicio,
Que em pouco o rei, em odio os nobres tinham:
Faltava chefe, unido á sua causa
Acham um, que jamais pode trahi-los;
Que para defender-se as circunstancias
Poem outra vez no meio de batalhas.
Destinos o affastaram dos que amigos
Fizera seus o sangue, e a natureza,
D'esde a noite fatal se preparára,
Mas não sozinho, a supportar revezes:
Affligia-se quando lhe indagavam
Do que elle havia feito em terras longes;
Unindo á sua a causa, que he de todos,
Ao menos retardava o seu dezastre.
Um tranquillo pezar, que tinha n'alma,
A dormente procella, em que luttára,
Ateados de successos, que ameaçavam
Fatal ruina, acordam novamente,
E Lara se tornou o homem, que fôra,
E he inda, outros porêm são os logares.
Elle apreço não faz da vida, e gloria,
Mas facçoens arriscadas o deleitam:
Pensa que os homens todos o detestam,
Mas zomba do seu mal, se os mais padecem.
Que lhe importa do povo a liberdade?

Levanta humildes so contra suberbos.
Na solidão julgára achar descanso,
La mesmo o fado, e os homens o perseguem:
He como a fera em redes apanhada;
Bem podem-n'o esmagar, nunca abate-lo.
Sem ambição, cruel, e taciturno
Atégora tranquillo vio o mundo;
Mas de novo impellido a entrar na arena
Parece ser um não vulgar guerreiro;
Ferozes são seus gestos—ares—vozes,
Vistas de gladiador vibra dos olhos.

X.

E de que serve o descrever batalhas
Onde a morte, e os abutres se apascentam?
Onde he incerta a sorte nas fileiras,
E aos fracos ganham fortes o triumpho?
Ruinas fumam, e as muralhas cahem?
Igual aos outros foi este combate,
Afóra o cego ardor, com que baniram
Furiosas paixoens todo o remorso.
Ninguem pede perdão, nem lh'o concedem,
Os prisioneiros mortos são no campo:
A victoria se alterna, a mesma raiva
Inflamma aos combatentes, que triumpham;
Guerream livres uns, outros escravos,
Pensam ter morto pouco se inda ha vidas.

Para o facho apagar he ja mui tarde,
A fome, e assolação tudo arrasaram;
O incendio se ateou, lavrou a chamma,
E a carnagem surri a cada presa.

XI

Da nova liberdade compellidos
Os sequazes de Lara triumpharam;
Porêm foi mallograda esta victoria,
A' voz do chefe as linhas não cerraram;
Em confusão carregam o inimigo,
Cegos no attaque julgam derrota-lo.
A sede de vingança, e de pilhagem
Leva estes vagabundos á ruina;
Emvão Lara se empenha quanto pode
Em n'elles reprimir furia imprudente;
Emvão busca estancar ardor tam cego,
Ateou, mas apagar não pode, a chamma;
Cauteloso o inimigo ha de conte-los
Somente, e de seus erros castiga-los:
Fingidas retiradas, as fadigas,
E embuscadas nocturnas, as batalhas
Recusadas, a falta de soccorros,
O acampamento feito n'um ar frio,
As muralhas, que zombam do inimigo,
E fazem mallograr-lhe o soffrimento,
Nada d'isto previram: no combate

Entram como soldados veteranos;
Antes preferem guerra, e seus furores,
E prompta morte a um padecer continuo:
A fome, e as doenças despovoam
As fileiras postadas ainda firmes;
Converte-se em pezar louco triumpho,
E Lara so parece inabalavel:
Mas poucos ja commanda, reduzidos
A debil troço estão seus companheiros,
Destemidos porêm são os milhores,
Peza-lhes ter perdido a disciplina.
Uma esperança teem, perto a fronteira,
D'esta guerra civil talvez escapem,
E n'outras terras vão soffrer pezares
De foragido, ou odios de proscripto:
Perder a patria custa-lhes, mais temem
Porêm a morte, ou serem prisioneiros.

XII.

Resolveram—rompeu-se a marcha—a lua
Propicia os passos seus guia nas sombras;
Ja lhe avistam os raios reflectidos
No rio, que os estrema d'outras terras;
Distinguem—acolá lhes fica a margem?
Ai!—bordam-n'a fileiras inimigas.
Dar-lhes costas!—Que veem na retaguarda?
A bandeira de Othon—e suas lanças!

Nas collinas são fogos de pastores?
Ai! e dão tanta luz que impede a fuga:
Sem esperança, lassos de fadigas,
E poucos, venderão cara a victoria!

XIII.

Fizeram alto: e he para respirarem,
E investirem melhor, ou ficar firmes?
Se attacam o inimigo, que na margem
Para a fuga vedar-lhes se postára,
Pode ser que lhes rompam as fileiras,
Poucos, mas juntos possam escapar-lhe.
« Nós sermos atacados! aguarda-lo
« Somente fôra digno de cobardes. »
Apromptam sabres, redeas, findo apenas
O derradeiro som hirão á carga:
A voz, que Lara der, oh! para quantos
Precursora será a voz de morte!

XIV.

De Lara a espada luz, e inalteravel
Não he do desespêro este ar sereno;
Mas exprime um desdem, que nos guerreiros
Não ha se alheios males os compungem—

Poem os olhos em Kaled, que a seu lado
Fiel nenhum temor siquer descobre;
Talvez no rosto seu sombria a lua
Pintou a triste pallidez, que indica
Constancia, não terrores de sua alma.
Lara o vê, sobre a mão lhe estende a sua:
Ella nem treme n'um momento d'estes;
Mal pulsa o coração, mudos os labios,
No olhar somente diz « Não nos separam!
« Podem ser teus guerreiros destroçados,
« A vida perderei, deixar-te nunca! »

Dera o signal, cerrados atacaram
As fileiras postadas pela margem;
A' espora obedeceram os ginetes,
Retinnindo os alphanges scintillaram;
São menos, mas iguaes em valentia,
O desespêro os faz combater firmes;
Cahe o sangue no rio, e suas vagas
Té de manhan rolaram vermelhadas.

XV.

Lara commanda, ajuda, anima tudo
Onde o inimigo ataca, e os seus succumbem,
A voz d'elle conforta, o braço fere,
Perdeu-a, e inda inspira confiança.
Ninguem foge, e debalde o pretenderam,

Quem recua outra vez instaura a carga
Ao ver que a vista, e golpes de seu chefe
Rebatem a firmeza dos contrarios:
Ora em meio dos seus, ora sozinho
Rompe as fileiras d'elles, une as suas;
Não se poupa—parecem debandados—
Eis o tempo, levanta o braço, investe—
Como tombou seu elmo, e seu pennacho?
Uma setta voou, varou-lhe o peito!
Perdeu seu gesto aquelle ar de torvo,
Fez descahir-lhe a morte o braço fero.
Nos labios expirou-lhe a voz—triumpho;
Como lhe pende a mão desalentada!
Mas inda aperta a espada pelo instincto,
Cansada a outra se afrouxou nas redeas;
Kaled as toma: e Lara involto em sangue,
Semi-morto, curvado sobre a sella,
Nem dá fe de que o pagem desolado
O conduz para longe do combate:
Porêm inda pelejam seus soldados;
Quem morre, ou mata apenas se distingue!

XVI.

Raia a luz sobre mortos, moribundos,
Capacetes, couraças estaladas;
O cavallo sem dono jaz, rompidas
Com o expirar as cilhas sanguinosas;

Perto d'elle parece inda palpita
Pe, que o esporeou, mão, que o guiava;
Guerreiros jazem junto da corrente,
Que parece arredar-se de seus labios;
E esta sede, que ardente queima as fauces
Dos que morrem em meio de batalhas,
Debalde a abrasada bocca estende-lhes
A um trago—o so—que refregere a morte;
Fracos, e convulsivos se revolvem,
Pela relva sanguenta roçam labios;
Quasi que a vida esgotam n'esta lutta,
Chegam á onda, inclinam-se a bebe-la:
Presentem-lhe a frescura, e quasi a tragam—
Porque param? Ja sede os não devora—
Saciada não foi, mas não a sentem;
Isto era uma agonia—ella acabou-se!

XVII.

Mas á sombra d'um til, longe da scena
Onde per causa d'elle houve o combate,
Semi-morto um guerreiro inda respira:
He Lara, e firme esgota a vida em sangue.
Kaled, que foi seu pagem, e seu guia
Agora, se inclinou sobre a ferida,
Quer lhe estancar o sangue com a banda,
Que a cada borbotão golfa mais negro;
Mas ja mortal, e escasso mana em fio,

É um debil respirar se escuta apenas:
Não falla, mas acena que he debalde,
Fundo soluço arranca apoz o aceno.
Aperta a mão, que quer calmar-lhe as ancias,
C'um surriso agradece ao triste pagem,
Que enlevado se fita no semblante
Pallido, que descansa no seu collo,
N'estes olhos ja baços, mas que foram
Na terra unica luz, que o conduzia.

XVIII.

O inimigo corrêra o campo, e chega,
Se Lara lhe escapar perde o triumpho;
Querem-n'o conduzir, porêm não podem,
Elle os vê com desprêzo imperturbavel,
Parece saptisfeito do destino,
Que o tira d'uma vida abhorrecida:
Othon chegára, apea-se, e ferido
Contempla quem seu sangue derramára,
Como está lhe pergunta; não responde,
E o vê como se nunca o conhecêra,
Para Kaled se volta:—as suas vozes
Foram claras, porêm não entendidas;
São moribundos sons na lingua estranha,
Que saudosas lembranças lhe recorda.
De aventuras passadas conversavam,
Mas quaes—Kaled o sabe, que o entende;

A's suas vozes baixo respondia,
E em mutuo espanto todos o cercavam:
Parecem—e ambos—quasi se esquecerem
Do presente em lembranças do passado;
E entre si partilharem um destino,
Cujos misterios são impenetraveis.

XIX.

Fallaram muito, mas em voz sumida—
Quem ouvisse do assumpto avaliára;
Mais perto de expirar parece Kaled
Do que Lara nas vozes, no semblante,
Tam tristes, tam profundos sons cortados
Os seus pallidos labios articulam;
A voz de Lara he debil, mas distincta,
E firme té que a morte a enrouquecêra:
O seu rosto porêm se não altera,
N'elle paixoens, remorsos não acháras,
Salvo quando luttando em parocismos
Em Kaled ternamente poz os olhos;
E logo que acabou de responder-lhe
Lara levanta a mão para o Oriente:
Ou fosse (como o sol surgindo as nuvens
Rompêra) porque a luz lhe dá nos olhos,
Ou acaso, ou lembranças dos logares,
Que aponta, onde passou saudosas scenas,
Kaled mal dá por isso, e vîra o rosto

Como quem abhorrece o novo dia.
Da matutina luz desvia a vista,
E a fixa em Lara—vê sombras de morte.
Não perdeu a razão—antes perdêra;
A redemptora cruz um lhe descobre,
E lhe amostra o rozario sacrosanto,
Que lhe podem valer no extremo lance,
E Lara os vê com um surrir profano—
Perdoe-lhe o ceo se foi o do desprêzo:
E Kaled sem fallar, de vista immovel
Pela agonia, e em Lara so fitada,
D'um gesto arrebatado lhe desvia
A mão, que tem este penhor sagrado,
Como se elle affligîra ao moribundo,
Sem saber que elle *agora* enceta a vida,
Essa vida immortal, que he reservada
A'quelles, cuja fé descansa em Christo.

XX.

Mas Lara ja soltou fundo gemido,
De escuras sombras cobrem-se-lhe os olhos;
Jazem convulsos membros, a cabeça
Descahe no collo debil, não cansado;
Aperta a mão, que tem sobre seu peito—
Ja não palpita, mas Kaled não larga
A regelada mão, debalde espera

Para saber se vive outro soluço.
« Inda palpita! » —oh louco! ja não vive—
Esses restos, que ves, ja não são Lara. (2)

XXI.

Fita-o como se o voo não soltára
Sôpro immortal, que teve o fragil lodo;
Todos querem tira-lo d'este trance,
E a desvairada vista elle não muda;
Mas quando o levam dos logares onde
Inda abraça despojos insensiveis,
Ao ver rosto, que unir quizera ao peito,
Cahir qual terra em terra na planicie,
Não se arroja tambem, e nem arranca,
De seu preto cabello lindos fios,
Mas pára, olha, vacilla, e desfallece,
Quasi como esse, que elle amava tanto.
Que *elle* amava! oh! que nunca peito d'homem
Sobre a terra sentio amor tam puro!
Alfim neste momento se descobre
Longo arcano téqui mal disfarçado;
Para o animar despojam-n'o das vestes,
Mostra-se extincta a dor, patente o sexo;
Torna em si, porêm Kaled não tem pejo—
Que lhe importa ja'gora o sexo, e honra?

XXII.

Lara não jaz aonde os seus descansam,
A sepultura teve onde expirára;
Repousa em paz se bem que não tivera
Bençãos sacerdotaes, nem monumentos;
Uma bella o chorou com dor tranquilla,
Mais profunda porêm que a um rei um povo.
Emvão pelo passado lhe perguntam,
Ameaçam-n'a emvão—nada responde;
Não diz porque, nem como abandonára
Tudo por quem tam pouco era extremoso.
Como o amou? Que loucura!—muito embora—
Acaso amor depende da vontade?
Podia gostar d'elle: as almas fortes
Teem mais vivo sentir do que se julga,
Mal sabem como adora um peito firme
Apezar de que os labios o não digam.
Laços communs nam foram os que uniram
Com Lara o coração, e alma de Kaled;
Mas ella não declara esses misterios,
Quem podéra faze-lo ja não vive.

XXIII.

Poem Lara em terra, e encontram-lhe no peito
Fóra o golpe, que a vida lhe tirára,

As costuras de muitas cicatrizes,
Que d'esta nova guerra não nasceram;
Onde quer que passára os annos verdes
Parece have-los gasto nos combates;
Se teve gloria, ou crimes se não sabe,
Mas sim que derramou por vezes sangue,
E Ezzelin, que dizer podéra o resto,
Não vem—talvez morresse aquella noite.

XXIV.

Um vassallo (isto assim se divulgára) (3)
Que n'essa noite o valle atravessava,
Quando á luz da manhan fugia a lua,
E as nuvens lhe offuscavam o minguante,
Madrugára para hir cortar a lenha,
De cuja venda os filhos se nutriam,
E hia a longo do rio, que divide
Terras de Othon, e o grão solar de Lara:
Ouve rumor—assoma um cavalleiro
Do bosque—dos arçoens da sella pende
Um vulto, que involvido vem n'um manto,
E o cavalleiro traz cuberto o rosto.
Pasmado da aventura inopinada,
E suspeitando ser talvez um crime,
Occulto o camponez lhe espia os passos,
E vê que chega ao rio, que se apea,

Tira de cima o vulto, que trazia,
Sobe á margem, nas ondas o mergulha,
Pára, e volve a vista a toda a parte
Em sobresalto, e torna a olhar ainda,
E apoz vai da corrente despenhada
Como quem d'ella bem se não confia:
Assustado parou junto a umas pedras,
Que as torrentes do inverno accumularam;
E d'ellas escolhendo as mais pesadas
A's ondas cauteloso arremessou-as.
Em tanto o camponez se poem de modo
Que sem sentido ser alcance tudo;
Um cadaver boiar se lhe affigura,
E uma estrella luzir-lhe sobre as vestes,
Mas antes de poder mui bem fita-lo,
Uma pedra maior o leva ao fundo:
Torna em cima, porêm mal se distingue,
E as aguas se tingiram de vermelho,
E sumio-se logo: o cavalleiro
Olha até desfazer-se o redomoinho,
Que a agua fez; voltou, monta a cavallo,
E pressuroso subito partio.
Tinha mascara—o medo não deixára
Ao camponez ver bem feiçoens do morto,
Se o era; mas se o peito tinha estrella,
Essa insignia so trazem cavalheiros,
E dizem que Ezzelin uma tivera
Na noite, que este dia precedêra.
Se foi elle a sua alma os ceos recebam!
Ao mar occultas foram suas cinzas;

Mas caridosa fé não acredite
Que ás mãos de Lara os dias acabára

XXV.

Kaled—Lara—Ezzelin, ja não existem,
De pedra funeral todos privados!
Emvão levar a Kaled pretenderam
Do logar onde o amante verteu sangue;
Tanto abatêra a dor esta alma forte
Que pouco o pranto foi, nenhuns gemidos;
Mas se intentam leva-la dos logares
Onde ella inda em delirio julga ve-lo,
Os seus olhos scintillam como o tygre,
A quem o cassador roubára os filhos;
Se ahi a deixam livre attenuar-se,
Com phantasticos seres ella falla
Como os que a dor produz em seus delirios,
E pede-lhes que escutem seus queixumes:
A' sombra está do til onde em seu collo
Lara a cabeça poz desfallecida;
E como se inda o vîra se recorda
Dos gestos d'elle, e fallas, e agonias;
O seu preto cabello lhe cortára,
Do peito agora o tira, e o estende
Na terra devagar como quem busca
Ensopar fresco sangue d'um phantasma.
Interroga-o, e responde em logar d'elle;

Levanta-se depois, pede-lhe em ancias
Que fuja d'um espectro, que o persegue;
Logo ao pe da raiz do til sentada
Com as myrrhadas mãos esconde o rosto,
Ou grava pela areia estranhas phrazes—
Expirou—jaz ao pe do seu amante;
Que foi fiel sabemos—e mais nada. (4)

FIM.

NOTAS.

CANTO PRIMEIRO.

(1) O poema *Lara* foi publicado em 1814 logo depois do *Corsario*. O illustre poeta o começou antes do fim de maio, e o deu á luz em agosto seguinte, declarando que largava a poezia por algum tempo.

(2) « O leitor notará que, sendo Hespanhol o nome de Lara, e não determinando uma circunstancia de localidade, ou de descripção natural, a scena, ou o heroe do poema em qualquer paiz, ou epoca, a palavra *vassallos*, que não pode ser verdadeiramente applicada aos da classe mais baixa da Hespanha, que nunca foram vassalos de terra, fôra todavia empregada para designar os sequazes do nosso chefe imaginario.—(Lord Byron n'outro logar declara que considera Lara um chefe da Morea— E.) »

(3) « Acha-se em parte a propria descripção de Lord Byron n'esta secção. *Sir Walter Scott.* » E nós accrescentaremos que este novo Raphael da poezia moderna se retratára perfeitamente a si mesmo na pessoa de Lara; mas não quiz pintar um perverso que elle mesmo o não era. Lord Byron padecia de uma doença de espirito (como dicemos), que atormentou a muitos homens grandes. Como Rousseau hia no alcance da virtude, ambos se anojavam do mundo; mas um chorava pacificamente, e o outro tomou uma attitude demaziadamente firme, e estoica, deixou-se levar de um delirio cynico, e de uma desesperação raivosa, apparentemente perversa, e até mesmo por vezes blasphema—talvez ambos se extraviavam, e ambos deliravam. *Conrado* he o que Lord Byron

quizera ser talvez: mas *Lara* he o que elle em verdade foi. Accusam-no de impiedade em seus actos, e escriptos—não: era antes a vaidade de um espirito ardente, que busca com avidez o falso brilho de uma gloria momentanea—o defeito de um estudante, ou de um collegial. Talvez o irritassem a satyra, e os sarcasmos de seus compatriotas, e a crua opposição oligarchica dos da sua ordem. Mas o certo he que Lord Byron possuia o mais refinado veneno da satyra, e quando provocado era como a vibora, feria mortalmente. E a quem criminar?—á injustiça com que o trataram:

His madness was not of the head, but heart.

(4) Allude aos mausoleos, urnas, e pedras funeraes com legendas, de que em Inglaterra se usa. Observe-se que a descripção do solar de Lara he a de Newstead Abbey do mesmo illustre poeta.

(5) « He uma propriedade notavel da poezia de Lord Byron que ainda que o seu tom he frequentemente variado—ainda que parece haver-se apoderado alguma vez da dicção, e estilo caracteristico de muitos contemporaneos—assim mesmo, não somente a sua poezia he marcada em cada assumpto de um modo o mais valente de originalidade, mas tambem em algumas particularidades principaes, e especialmente no caracter de seus heroes, cada narração se assimelha tam vivamente a outra, que, tratada por escriptor de menos fôrça, houvera em resultado uma monotonia fastidiosa. Todos, ou quasi todos, os seus heroes tem o quer que seja das qualidades de Childe Harold: todos, ou quasi todos, tem sentimentos, que parecem em desharmonia com sua sorte, e que dão altos e pungentes toques de dor, e de prazer, uma profunda sensação do que he nobre, e honroso, e uma igualmente profunda sensibilidade da injustiça, ou da injuria com o garbo do stoicismo, ou desprèzo do genero humano. A fôrça de uma primeira paixão, e a vehemencia de um sentimento juvenil, são uniformemente pintadas como enregeladas, ou dirivadas do effeito de primeiras im-

prudencias, ou de um negro crime, e a fruição de um gôso he perturbada pelo demasiado conhecimento da vaidade dos desejos humanos. Estas qualidades geraes discriminam as asperas feiçoens de todos os heroes de Lord Byron, d'esde as que são ensombreadas pelo descarnado chapeo do illustre Peregrino, até as que se escondem debaixo do turbante de Alp o Renegado. Estava-lhe reservado o apresentar o mesmo caracter em scena publica uma e muitas vezes variado somente pelos exforços d'este genio poderoso, que pesquisando a origem da paixão e do sentimento no seu mais intimo recesso, conheceu como se combinam as suas operaçoens de modo que constantemente varia sem nunca diminuir apezar de que a mais importante personagem do drama conserve as mesmas feiçoens. Virá dia, em que se repute como o phenomeno litterario não o menos notavel d'esta epoca, que durante o periodo de quatro annos, apezar do numero de distinctos talentos poeticos, de que nos podemos gloriar, um unico auctor—e este mesmo movendo a sua penna com a descuidada, e negligente facilidade de um nobre, e tomando por seu thema assumptos tam parecidos, e personagens, que tanto se assimelham entre si —poude apezar d'estas circunstancias, das desagradaveis qualidades, que deu aos seus heroes, e da volubilidade proverbial do publico, manter em seu favor a ascendencia, que tinha ganho em sua primeira producção madura. Comtudo tal foi elle indisputavelmente. —*Sir Walter Scott.*»

(6) « Esta descripção de Lara regressando repentina, e inesperadamente de viagens distantes, e reassumindo a sua posição na sociedade de seu mesmo paiz, tem grandes pontos de similhança com a parte, que o mesmo auctor parece accidentalmente tomar nas scenas onde o grande se mistura com o formoso. » *Idem.*

(7) Lord Byron formou uma escola *novo-romantica*, que até hoje se julga inimitavel, apezar de nos parecer que o illustre conde de Chateaubriand a fundára, e elle a aperfeiçoou. Mas o que he certo he que Lord Byron penetrou no mais recondito do coração humano, estendeu im-

mensamente o dominio da poezia methaphysica, levantou com poderoso cinzel em alto relevo o mais abstracto ideal, abrio, e escancarou o mais secreto do sentimento, e adornou finalmente a poezia de novas imagens, novo colorido, e novas sombras. Qualquer gesto, ou qualquer surriso, um mudar de cor, carregar de sobrancelha, comprimir, ou levantar de labios, e finalmente o mais imperceptivel movimento, acharam interpretação, e vida nos pinceis deste grande poeta—foi o Raphael da poezia moderna. Na concepção, variedade, elegancia, e sublimidade foi reputado poeta da primeira centuria.

(8) Difficil será encontrar em poezia antiga, e moderna um pedaço mais bello, e sentimental. Lord Byron mostrou aqui toda a sublimidade, e elegancia de seu talento maravilhoso não menos que de sua poezia melodiosa.

(9) A historia d'este pagem, cuja descripção he tam bella e misteriosa, não deixa talvez de ter origem verdadeira em alguma das aventuras romanescas do illustre poeta; e aventuramo-nos em suppor que talvez quizera immortalisar a memoria da condeça Guiccioli, ou de outra qualquer personagem em suas peregrinaçoens do Oriente. Como quer que seja, o logar (a Italia), e as circunstancias, em que este poema foi concebido, e feito, nos inclinam á primeira opinião. Comtudo este duello, o genero da guerra entre Lara, e Othon, a armadura, e outras circunstancias, deixam presuppor a meia idade a epoca do poema, e a peninsula o seu theatro.

(10) Lord Byron revelou os arcanos mais reconditos do sentimento, pintou os caracteres mais finos, e imperceptiveis de paixoens diversas, e (digamo-lo assim) apalpou o coração humano, poz-lhe a mão em cima sem estancar-lhe o movimento, e perscrutou-lhe as suas mais intimas sensaçoens.

(11) He opinião geral que o nobre Lord, ainda que

desconhecido, excitava a attenção de quem o via, e que eram indeleveis as impressoens, que deixava.

(12) Ha um misterio n'este encontro, e nas aventuras que o deveram preceder, e que o seguiram, que em verdade nos enleva, e nos deleita apezar de que ignoramos o principio, e o fim: e talvez he d'este segredo romantico de fadas, encantamentos, magas, e cavalheiros namorados da idade media, e de que se apoderou o grande talento de Lord Byron, que nasce em grande parte a belleza de suas composiçoens. Além dos antigos, que o conheceram, e trataram conforme o tempo, hoje pouco neste genero achamos, que iguale a—*Dona Branca*

CANTO SEGUNDO.

(1) « Parece que Lord Byron tomou um prazer caprichoso em mallograr no Canto segundo a mor parte da expectação, que causára no primeiro. Porque, sem a revivencia de Sir Ezzelin, a misteriosa aparição de Lara no seu antigo castello se torna uma mera peça inutil de bagatella, inapplicavel a qualquer assumpto intelligivel;— o caracter de Medora, a qual nos contentamos de observar mui pacificamente acostumada na Ilha do Pirata, sem indagar d'onde, ou como ella se passára aqui, fica involvido n'uma ambiguidade mui desagradavel, por causa de alguma connexão misteriosa entre ella, e Sir Ezzelin; —e mais ainda, o suberbo, e generoso Conrado, que preferîra a morte, e os tormentos á vida, e á liberdade, se comprada per um nocturno homicidio, se degrada n'um vil, e cobarde assassino.—*George Ellis* ». Parece-nos haver aqui demasiada severidade ao menos na primeira parte. Todos os heroes pois, suas feiçoens, caracter, e indole devem ser o—*non plus ultra*—da perfeição?—devem ser modelados pelo Apollo de Phidias, ou pela Venus

de Medicis? Aberraçoens como as de Lara, e Conrado serão sempre bellas, e de per si confundem toda a critica: difficeis de tratar como são provam nada menos do que a prodigiosa fôrça, e fecundidade de engenho do illustre poeta.

(2) A morte de Lara he incomparavelmente a passagem mais bella no poema, e he perfeitamente igual ao que o auctor aliaz escrevêra jamais. O horror physico do acontecimento, ainda que descripto com fôrça, e fidelidade terrivel, he realçado, e subido em preço pelas bellas pinturas de energia, e affecção mental, com que se mistura. Todo o resto do poema he escrito com igual fôrça, e sentimento, e pode entrar em competencia com o que a poezia tem produzido no que pertence ao *pathos*, ou energia.—*Jeffrey* ».

(3) Lord Byron apontou aqui uma passagem da historia de Leão X de Roscoe, vol. I pag. 263, que diz lhe suggerira o presente episodio, a qual omittimos por longa, e em nada esclarecer o assumpto.

(4) « Lara, ainda que tem muitas passagens boas, he uma grande prova de um facto melancolico, o qual he verdadeiro em todos os effeitos, d'esde a continuação da Eneida, por um dos famosos poetas Italianos da meia idade, até « Polly, » seguimento da Opera de Beggar, « de que » pela mor parte as ultimas palavras « podiam geralmente ser dispensadas sem grande perda do mundo. —*O Bispo Hebber* ». O illustre critico parece desejar que o poema findasse no penultimo verso.

« Lara tem algumas bellezas, que o Corsario não tem. He mais caseiro; excita muito mais sympathia com a sociedade polida; he mais intelligivel, mas muito menos apaixonado, menos forte, e menos brilhante, antes he algumas vezes languido—e em conclusão he mais diffuso.— *Sir E. Brydges* ».

« Lara, obviamente a continuação do « Corsario, » conserva geralmente o mesmo tom de profundo in-

teresse, e de sentimento sublime,—ainda que a desapparição de Medora da scena o priva da encantadora doçura, pela qual o seu terror he aqui resgatado, e torna o heroe finalmente menos seductor. O caracter de Lara tambem he mesmo acabado mui trabalhosamente (*) e o seu encontro nocturno com a apparição he feito mui, e mui pomposamente. Ha aqui infinita belleza na pintura do Pagem misterioso, e em muitas das reflexoens moraes, ou genericas, que estão entresachadas na narração.—*Jeffrey.*

(*) « Que entendem por trabalhar? Eu escrevi Lara quando me despia depois de vir para casa dos bailes e mascaradas no anno das galhofas 1814 (*Cartas de Byron*, 1822)

Esta a resposta de Lord Byron. Mas nós por « mui trabalhosamente » entendemos o « bem acabado » em pintura como dizem os da arte: e quando em taes momentos se compunha tam bella poezia, o que deveramos esperar da que fosse feita no remanso da paz, e quando o espirito se não achasse exinanido? Mas em fim ha um limite nas cousas humanas, alem do qual fóra vaidade esperar, ou prometter mais.

FIM DAS NOTAS.

ERRATA.

Ficam sem effeito a pag. 17 *os signaes—no principio dos versos* 397, 398, 401, 402 *e* 406; *e no fim dos versos* 399, *e* 409. *Quaesquer outros erros não somente não alteram, ou invertem o sentido, como tambem são de mui facil correcção.*

17588